

CPI provoca clima de pânico no Congresso

A simples menção do nome de um parlamentar por qualquer testemunha pode arruinar uma carreira

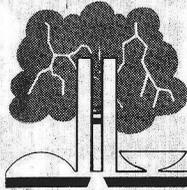
**GUILHERME EVELIN
e JOÃO DOMINGOS**

BRASÍLIA — Na CPI do Orçamento não há cidadão acima de qualquer suspeita. Basta ser citado por qualquer testemunha, seja motorista, ex-mulher ou parlamentar, que a carreira política fica enlameada. O deputado Simão Sessin (PFL-RJ) nunca teve o nome lembrado por ninguém da CPI. Mesmo assim, sofreu infarto. Seu colega Rubem Medina (PFL-RJ) fez o diagnóstico: "É o clima, é o clima."

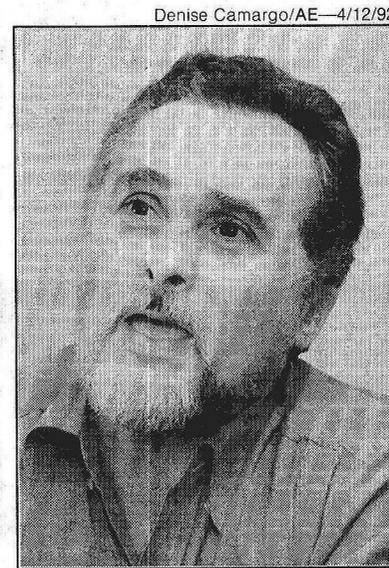
Parte dos apontados pelo economista José Carlos Alves dos Santos como integrantes do esquema de corrupção montado na Comissão de Orçamento desapareceu. Os deputados João Alves (PPR-BA), José Geraldo Ribeiro (PMDB-MG) e Ricardo Fiúza (PFL-PE) trancaram seus gabinetes e mandaram os funcionários para casa. Fiúza anunciou que prefere a morte a ver seu nome jogado na lama. E desistiu de concorrer a qualquer outro cargo eletivo.

O deputado João Alves, suspeito de chefiar a máfia do Orçamento, chegou a anunciar que acabaria com a vida. Mas, três dias depois da trágica declaração, seu advogado Antônio Carlos Osório informou que o cliente recuperara o gosto pela vida. "Não haverá nada de suicídio", declarou Osório, que trabalha com Alves há 20 anos e, segundo integrantes da CPI, está entre as pessoas que receberam cheques do deputado. O medo de ser denunciado na CPI do Orçamento é tão grande que o líder do governo no Senado, Pedro Simon (PMDB-RS), tomou a mais inusitada das atitudes.

Desconfiado de que alguém poderia criticá-lo, preparou um contra-dossiê de 47 páginas, no qual acredita que responde a todas as questões que possam vir a ser levantadas sobre seu governo no Rio Grande do Sul, de 1987 a 1990. No dossiê, constam várias certidões negativas previamente expedidas.



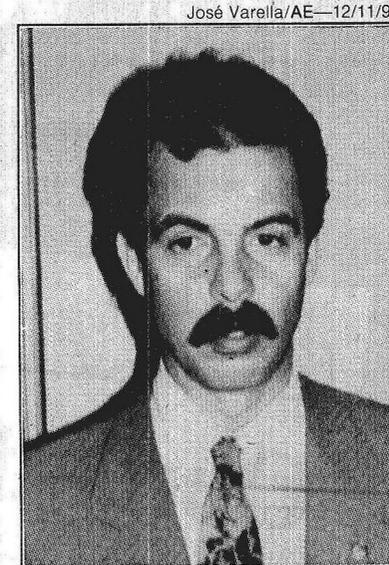
Simon: dossiê preventivo



Genoíno: saldo negativo



Almeida: truque pró-Genoíno



Mercadante: sem segredo

PARTE DOS SUSPEITOS DESAPARECEU DE BRASÍLIA

Um dos potenciais acusadores de Simon seria o ministro da Integração Regional, Alexandre Costa, que foi citado por José Carlos Alves dos Santos. Para permanecer no cargo, que Simon pressiona para que deixe, Costa muniu-se de vários dossiês.

Promete divulgá-los se for atingido por alguma denúncia o atinja ou se for demitido. O próprio Costa pediu a amigos que divulgassem a idéia de que é uma "bomba atômica ambulante".

Outro adversário de Simon é o deputado Ibsen Pinheiro (PMDB-RS). Mas o ex-presidente da Câmara começou a apanhar há quase duas semanas e não acha tempo para preparar uma reação contra Simon. Ibsen está sete quilos mais magro. Passa o tempo

atrás de justificativas para dizer que não recebeu nada irregularmente. Já visitou a CPI e deu explicações, que pouco contribuíram para sua defesa. Agora, suspeitando que é vítima de um complô político, corre atrás das gerências dos bancos nos quais a CPI vai rastreando suas contas.

Nesta confusão que divide a paranoia da denúncia e a euforia da descoberta de irregularidades, há espaço para brincadeiras. Instituiu-se, por exemplo, o "troféu Jarbas Passarinho" para dois parlamentares. Sigmaringa Seixas (PSDB-DF), coordenador da subcomissão de emendas ao Orçamento, ganhou o troféu na categoria dos que conversam, conversam, e nunca passam informações sigilosas. Aloizio Mercadante (PT-DF) ganhou o mesmo prêmio, mas por atuação inversa. Mesmo sem conversar, ele consegue vaziar informações que a CPI planejava, a todo custo, manter em segredo.